

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

89) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JANEIRO 12, 1839



CANDIANOS.

MALABAR.

CHINGALAS.

NATURAES DE CEYLÃO.

CEYLÃO, ilha dilatada, que jaz atravez do cabo de Comorim, na extremidade da península Índica, é tão fallada nas nossas historias, que apesar de perda, ha muitos annos, ainda deve ser interessante para nós como um dos mais notaveis theatros das façanhas dos antigos portuguezes conquistadores da India. Por isso consagraremos hoje um artigo a dar breve noticia dos naturaes desta ilha celebre, cujas differentes raças são ainda as mesmas que eram no seculo 16.^o

Em tres classes principaes se dividem os habitantes indigenas de Ceylão: são estas a dos chingalas, a dos candianos, e a dos malabares: as primeiras duas são descendentes dos aborigenes, a ultima é a dos que em differentes epochas estabeleceram colonias na ilha, vindo das costas da península da India, que jazem a sueste. Os chingalas estanceam ao sul da ilha, os malabares ao norte, e os candianos se conservaram independentes nas terras sertanejas até 1815, no qual anno foram subjugados pelos inglezes.

Ha além destas tres raças uma tribu selvagem, chamada dos vedás, que habita nas montanhas, e

que é pouco numerosa. Os vedás pouco mais entendimento mostram do que os macacos: fogem da gente civilisada; mas quando os accommettem são feroçissimos no pelear. Vivem pelas brenhas mais intractaveis, e parecem ser os verdadeiros aborigenes, ou primeiros povoadores da ilha. Fallam um dialecto da lingua chingala, e teem uma especie de religião, posto que barbara e supersticiosa. O seu unico modo de vida é caçar, no que são mui destros. Alguns menos barbaros mercadejam com os candianos, resgatando marfim, mel, e cera, por pannos, ferro, etc. Os rumbá-vedás são de todos os mais indomitos, e é mais facil encontrar parado o animal mais esquivo, do que qualquer delles; porque dormem debaixo das arvores, e apenas presentem alguém, trepam a ellas com tal desembaraço e rapidez, que nem gatos bravos.

Os chingalas são, pela maior parte, extremamente pobres, o que nasce de serem madraços em subido gráu, a ponto de não trabalharem, salvo para não morrerem de fome. São de mediana estatura, magros, mas bem conformados, e mais bem parecidos do que os malabares do continente, posto que não sejam tão robustos. Os chingalas legitimos [que mui misturadas andam hoje as raças] são brandos,

bondosos, modestos no seu porte, tímidos, ou antes covardes; e tal é a aversão que teem á vida militar, que não ha constrange-los a assentarem praça: possuem grandes dotes e virtudes sociaes, sendo agasalhadores de estrangeiros, e delicadissimos no seu tracto. As mulheres são feias, posto que pouco mais trigueiras do que as da Europa meridional.

Dividem-se os chingalas, entre si, em 19 castas, sendo a principal a dos hondrins ou velalas, que é a dos lavradores, e a ultima a daquelles que tocam em animaes mortos, ou os comem. Principal sustento da gente pobre, são os fructos, alguns dos quaes são excellentes, como a jaca, o coco, etc. A maior parte da gente rica vive á europea, tractando familiarmente com os inglezes e hollandezes. Muitos são christãos, catholicos, ou lutheranos; talvez, ao todo, um terço da população.

Os candianos differem muitissimo dos chingalas. São mais robustos, ousados, activos, e valorosos; mas menos polidos, e portanto mais isentos e soltos. Posto que eguaes em corpulencia aos chingalas, são mais robustos, e de aspecto mais carregado, para o que tambem contribue o nunca tosquiarem as barbas. Os pobres andam nus, ou quasi nus, mas os abastados costumam andar sempre ricamente vestidos, e acompanhados por um numeroso sequito.

O territorio candiano, o menos affastado que está do mar é a distancia de seis milhas. A côrte do reino de Candia passava antigamente pela de peor fé que havia no mundo, e a perfidia dos seus ministros dizia-se que não tinha equal. Isto era tão sabido, que ninguém se fiava nas suas mais solemnes promessas.

Os candianos não se regem por nenhuma lei moral; e por qualquer interesse quebram seus juramentos. O governo é despotico, e o rei tem direito de vida e de morte sobre todos seus vassallos. A monarchia era todavia electiva, com a particularidade notavel de se dever nomear sempre para esta dignidade uma pessoa que não pertencesse a nenhuma das raças da ilha.

Este povo é muito circumspecto no tracto com os estrangeiros; o pouco commercio que faziam, antes de serem subjugados pelos inglezes, em 1815, ou era feito no proprio territorio, ou nas fronteiras d'elle. Até este tempo tinham mui poucas relações com os chingalas; antes andavam sempre em guerra com elles.

O reino de Candia apresenta o continuo aspecto de montanhas agrestes, e de valles profundissimos, perpetuamente cubertos de nevoas, e tão humidos, que, produzindo excellentemente arroz, e dando bons pastos para gados, são excessivamente doentios.

Os malabares de Ceylão são uma raça hybrida, ou mixta, que combinam os usos mahometanos de Mafoma aos de Brahma, porém guardando varios costumes antigos como o de queimar os cadaveres, e o de conservar as castas. Excedem os chingalas em actividade, e genio emprehendedor; mas não são como elles urbanos, agasalhadores, e honrados. Fraudulentos no ultimo gráu, sabem desculpar-se com aquellas distincções casuisticas de que costumam servir-se os naturaes do Indostão.

Além das 3 castas de habitantes, que ha em Ceylão, e afóra os vedás, vivem ahi muitos malaios, expulsos de Samatra e de Malaca pelo governo hollandez. São estes côr de cobre, e teem o nariz chato, e os olhos mal rasgados. O seu trajo é mais á moda dos persas, do que dos indios. Costumam andar descalços, com um lenço de seda enrolado na cabeça; e as mulheres usam de uma especie de vestia apertada ao corpo, e pannos soltos á moda do Malabar.

As pescarias são um manancial de innumeraveis vantagens para as nações maritimas, não só pela quantidade de braços que empregam, pelos capitaes que poem em giro, pelos seus productos como alimentos, ou como materiaes para as artes e para usos domesticos; mas tambem por serem uma excellente escola de marinheiros. Verdades são estas que ninguém controverte; e felizmente vemos que em o nosso Portugal se vão fazendo tentativas para restabelecer este fecundo ramo de industria. A posição geographica dos nossos portos, a natural propensão e a robustez da nossa gente, e as copiosas marinhas de sal que possuímos, nos habilitam para prosperar nesta carreira, em que outrora nos distinguimos, quando fomos afamados descubridores, tivemos uma marinha respeitavel, e exportámos pescado para varios paizes. No reinado de elrei D. Fernando, os pescadores portuguezes não só faziam pescarias em as nossas costas, mas iam tambem ás de Inglaterra e da Bretanha, em virtude de um tractado de commercio entre os moradores do Porto e Lisboa, e Eduardo 3.^o No immediato reinado de D. João 1.^o além do muito pescado que se consumia no reino vendia-se quantidade d'elle para os portos do Levante. Governando D. Duarte, filho daquelle monarcha, abundavam tanto os saveis que os carregavam para fóra do reino os castelhanos, e outros estrangeiros; e as pescadas, de que sempre tem havido immensa copia em os nossos mares, eram igualmente exportadas pelos pescadores para Levante. Em Vianna, Ponte de Lima, e Villa do Conde faziam os estrangeiros grandes carregações do producto das nossas pescarias, de que os povos daquellas terras principalmente subsistiam. Isto se vê das côrtes de Lisboa em tempo d'elrei D. Affonso 5.^o no anno de 1456. Fomos nós dos primeiros que pescámos o bacalhau na ilha de Terra-nova; porque, se esta foi descoberta em 1497, no reinado d'elrei D. Manuel, consta por um Alvará de 14 de Outubro de 1506 que se mandou cobrar o dizimo das pescarias da Terra-nova nos portos d'Entre Douro e Minho pelos officiaes d'elrei. Foi em tanto progresso a pescaria do bacalhau feita pelos nossos, que houve annos em que só de Aveiro sahiram para ella 60 navios: [Carvalho. Corogr. Portug. tom. 2.^o pag. 117] deste mesmo porto, do de Vianna, e de outros partiram em outras occasiões para o mesmo trafico cem caravellas: [Pimentel, Art. de Navegar, pag. 376] e chegaram a tanta opulencia os moradores de Aveiro, com os proventos desta industria e de outras pescarias, que em 1550 contavam 150 embarcações proprias. [Freire. Descrip. Corogr. de Portugal. Edição de 1755 pag. 55]. Não é bem certo até que tempo prosperou entre nós esta pescaria, e quando a abandonámos; porém o Lente de Coimbra, já fallecido, Constantino Botelho, que indagou e escreveu muito sobre este assumpto, conjectura que á medida que as nações se foram adiantando nesta industria, fomos nós decabindo; e que é provavel ser o regimen oppressor dos Filippes de Hespanha uma das verdadeiras causas desta decadencia. A politica machiavellica daquelles intrusos empenhou-se quanto pôde em cortar os nossos recursos, e enfraquecer os mananciaes da nossa prosperidade, para assim nos terem sujeitos; é de presumir que assim como deixaram desbaratar nossas colonias e definhar o commercio, quizessem amortecer uma industria que nos fazia activos, ricos, e aptos para a marinha. Obstaculos de toda a sorte, taxas, e outras vexações seriam meios cabaes para conseguirem seus intentos. Devemos portanto hoje fazer votos pelo augmento d'uma empreza, que levantada pelo es-

pirito de associação, e de especulação, do nosso seculo, promette bons resultados, se fôr proseguida com energia, e digamo-lo assim, com uma certa pertinacia; qualidade esta que muito distingue os inglezes, e a que devem não pequenas vantagens.

Informados os nossos leitores da celebridade que já alcançamos na pescaria do bacalhau; como todos sabem que este peixe vem na sua maior quantidade das costas da Terra-nova, será conveniente dar aqui aos menos lidos nestas materias uma noticia desta ilha.

O descobrimento da Terra-nova é geralmente attribuido a Sebastião Cabotto, genovez, ou veneziano como outros pertendem, enviado em 1497 por Henrique 7.^o, d'Inglaterra, e auxiliado por alguns negociantes inglezes afim de explorar os mares do Norte e achar por ahi passagem para a India. A prioridade deste descobrimento não é muito facil de decidir. Segundo a auctoridade de Ramusio, que é de pezo na materia, Cabotto fizera a sua viagem no verão de 1496: governava então Elrei D. Manuel. Se dermos porém credito ao P.^o Cordeiro, na sua *Historia Insulana*, já um fidalgo da casa do infante D. Fernando, João Vaz Corterreal, e Alvaro Martins Homem [que ambos depois foram donatarios da Ilha Terceira], em tempo d'elrei D. Affonso 5.^o tinham percorrido aquelles mares e descoberto a *Terra do Bacalhau* [*]. Conjectura-se que esta viagem teria logar pelos annos de 1463. Vê-se portanto que esta gloria é reivindicada a favor dos portuguezes. É porém incontestavel que em 1500, Gaspar Corterreal, filho de João Vaz, visitou e examinou aquella região, impoz nomes portuguezes a muitas paragens, alguns dos quaes ainda permanecem, como o de *Terra de Labrador*, *Bahia da Conceição* &c.; e trouxe consigo 57 indigenas. As noticias desta expedição se acham em os nossos historiadores, Galvão, Goes, e bispo Osorio. O proprio Ramusio assevera que fôra Gaspar o primeiro que commettêra o ousado feito de abrir caminho para a India pelos gêlos do polo aretico, ou septentrional. Portanto ainda que fosse Cabotto o primeiro a correr aquelles mares em 1496 ou 1497, e não houvesse a viagem anterior de João Vaz, a utilidade do descobrimento, e o direito de possessão derivam da expedição do 2.^o Corterreal, porque não consta que o Cabotto desembarcasse em paragem alguma da costa, como diz o recentissimo escriptor Mr. de Blossville. Quem pertender mais esmiuçados os fundamentos da prioridade da nossa navegação na America septentrional deve ler a Memoria inserta no Tom. 8.^o das de Litteratura Portugueza da Academia R. das Sciencias, e consultar as fontes que alli se indicam.

Gaspar Corterreal, preocupado com o seu primitivo projecto, fez nova tentativa em 1501, porém não voltou; egual sorte teve seu irmão Miguel Corterreal, que em 1502 partiu a procurá-lo; e infructuosas foram as diligencias de Vasco Eannes, a quem elrei D. Manuel não consentiu seguisse seus Irmãos, [para haver novas dos dois navegadores], voltando sem as terem obtido os navios mandados a este intento. Dataram porém destas expedições as nossas pescarias do bacalhau, que tanto prosperaram, como se vê d'um Alvará d'elrei D. Manuel, que acima deixamos citado; e daqui proveio á Terra-nova a denominação de *Terra dos Corterreães*, com que em mappas antigos andava marcada; achando-se n'um da collecção de Ramusio desenhadas as armas de Portugal sobre a *Terra de Labrador*, o que indica feitoria, ou colonia, e posse. Vid. citada Memoria. Com effeito, quando os navegantes da Bretanha e da Normandia

aportaram áquellas costas em 1504 já lá acharam os portuguezes de posse d'uma parte; e consta que uma colonia de especuladores saídos de Aveiro e do porto de Vianna, engrossados com outros da Terceira, alli se fôra estabelecer.

É comtudo de presumir que os antigos scandinavos tiveram conhecimento daquella região; e ahi se estabeleceram: o que se colhe não só das chronicas antigas da Groenlandia, e Islandia, e dos vestigios recentemente encontrados na Terra-nova, como restos de paredes, e algumas moedas; porém muito mais da raça dos indigenas, alheia a todas as da America, como logo diremos. Não achámos de muito pezo as objecções em contrario, porque os que se estabeleceram na Groenlandia podiam muito bem ir parar á Terra-nova; além de que sabemos que os antigos navegadores do Norte chegaram aos Açores, como se infere da estatua achada na ilha do Corvo: facto de que alguém duvidou com menos razão, por quanto Damião de Goes, um dos nossos mais graves historiadores, affirma tê-la visto na guarda-roupa de elrei D. Manuel, onde se conservava no seu tempo. Todavia as aventureiras correrias maritimas dos scandinavos são meros factos historicos sem consequencias, que a erudição arranca do esquecimento; porém os modernos descobrimentos adquiriram tanta amplitude, e foram tão fecundos em resultados, como hoje presenciámos.

A possessão da Terra-nova, que nós abandonámos, disputaram por longo tempo os francezes aos inglezes, e com ella o direito de pescaria no *grande Banco do Bacalhau*, que dista das costas da ilha obra de 60 leguas de 25 ao gráu. Nas diferentes guerras entre as duas nações os estabelecimentos e povoações foram por vezes tomados ora por uma, ora por outra das nações belligerantes. Pelo art.^o 13.^o do tratado de Utrecht, celebrado em 31 de Março e 11 d'Abril de 1713, a França cedeu das suas pertençações, ficando só com o direito de pescar n'uma extensão designada, podendo em terra construir as cabanas e aparelhos necessarios para a secca e salga do peixe, demorando-se os pescadores só o tempo necessario para estes effeitos, mas sem lhes ser licito levantar outros edificios, ou quaesquer fortificações. Sobre vieram porém guerras posteriores, e a sorte das armas decidiu variamente do destino das colonias da Terra-nova, até que pelo art.^o 15.^o do tratado de 25 de Março de 1802, e mais recentemente pelo de 17 de Junho de 1814 se renovaram as disposições do tratado de Utrecht, ficando á França as ilhas de S. Pedro e Miquelon, que lhe tinham sido concedidas em 1763 para asylo de seus pescadores. Este ramo industrial tem ido em tal augmento em beneficio da França, que annualmente expedem as costas da Bretanha e da Normandia grande numero de navios para a pesca em Terra-nova. Em 1830 andavam nesta occupação quatorze mil marinheiros francezes; e diz um escriptor da mesma nação que é uma excellente escola de maruja, porque a navegação daquellas paragens é difficil e trabalhosa.

A Terra-nova apresenta, ao longo das costas e na profundidade das suas vastas bahias, vestigios claros d'uma grande revolução, que em epochas remotissimas alterou a sua fórma e extensão primitivas: talvez que fosse em outro tempo pegada ao continente americano visto que o estreito de Belle-ile que a separa terá apenas umas tres leguas de largo com um comprimento de 15 leguas maritimas. Está lançada á entrada e atravez do golpho onde desemboca o grande rio *S. Lourenço*; a sua fórma é triangular e avalliam a sua superficie em 11:833 leguas quadradas. A difficuldade de explorar o interior da ilha, já pe-

(*) Isto mesmo diz o A. da *Corographia Açorica*, impressa em 1822, talvez referindo-se a Cordeiro, ou a alguma tradição dos naturaes da Terceira.

los obstaculos que o terreno apresenta, já pelas cildas dos naturaes, que, ainda que raros, são intrataveis e perfidos, e a quem nem branduras nem violencias tem podido reduzir, é causa de quasi nada se saber do centro deste paiz. As expedições infructiferas para este fim só deram a conhecer que o solo é pedregoso e geralmente esteril; que existem montanhas ingremes cubertas de mato rasteiro, valles apertados, e algumas planicies grandes de charnecas, tudo sem uma só arvore; que abundam as lagôas e os pantanos, sendo o terreno em partes tão apaúlado que é intransitavel a cavallo, e muitas vezes até mesmo a pé: emfim que por toda a parte rebentam copiosos mananciaes d'agua pura. A raça de indios que habitava esta selvagem região é indomita, e reputase em grande parte extinta; differe de todas as castas indigenas do continente americano pelas feições, e pela côr da pelle, são traiçoeiros e bravios, e conhecidos pelo nome de *indios vermelhos*; abandonaram as costas internando-se pelo sertão á chegada dos europeus; poucas vezes depois deram mostra de si, e sempre hostilmente: tem sido baldados os esforços do governo inglez e de uma sociedade estabelecida em S. João da Terra-nova para os pesquisar, reduzir por bons modos, e entabolar com elles relações amigaveis. Alguns escriptores suppoem que esta gente provem dos antigos Noruegueses, que descobriram nos seculos 9.^o e 10.^o a Islandia, a Groenlandia, e talvez a Terra-nova: fundam-se para isso em rasões e auctoridades que fôra extenso relatar.

Pela sua latitude a Terra-nova deveria gosar da mesma temperatura que os outros paizes collocados como ella; porém uma das particularidades que distinguem a America do Norte das outras partes do globo é o seu clima. Terra-nova, uma parte da Nova-Escossia e o Canadá acham-se na mesma latitude que a França: e em todos aquelles tres paizes os rios durante o inverno estão gelados com muitos palmos de grossura de caramello; a terra é por toda a parte cuberta de gelo; e as aves emigram. Labrador e as terras ao sul da bahia de Hudson estão na mesma latitude que a Graã-Bretanha, todavia o frio é tamanho, juncto á bahia de Hudson, por exemplo, que ás vezes o mercurio gela. O doutor Mitchell, que fez ácerca disto longas observações, calculou que esta differença de temperatura é igual a quatorze ou quinze graus de latitude; assim uma paragem situada pelos 40.^o de latit. na America terá a temperatura da que jazer pelos 55.^o no antigo continente. E' tambem de notar que sendo o frio, durante o inverno, mais rigoroso: o calor é tambem mais forte que nos paizes correspondentes da Europa. O mercurio gela em Janeiro, nas proximidades da bahia de Hudson, e de verão o thermometro sobe a 55.^o

Os invernos temporãos são geralmente longos e rigorosos em Terra-nova. O inverno brando dá um verão chuvoso; um verdadeiro inverno traz consigo um verão sêco. Sabe-se quando começa, mas não pode prever-se quando acabará. A chegada periodica a estas costas das ilhas fluctuantes e dos plainos de gelo do norte é a principal causa deste phenomeno, e contribue para prolongar os rigores do inverno, isto é para fazer um segundo inverno, que dura até que os gelos sejam expulsos pelos ventos de oeste ou de noroeste, que tem força sufficiente para despegar e mover aquellas massas enormes. O ceu, ao norte e a oeste da ilha, é geralmente claro e sereno, ao passo que as costas de leste e do sul são mais sujeitas aos aguaceiros e cerrações, por causa da visinhança dos bancos; os nevoeiros densos e humidos são frequentissimos na primavera e outono, e fazem mui perigosa a navegação proximo ás costas. O frio que de

inverno trazem os ventos d'oeste e noroeste é rigoroso mas sêco; o do norte e do nordeste é penetrante, e acompanhado de redemoinhos de neve, que cobre o chão a seis palmos de altura e ás vezes a mais. Surgem então subitaneas tempestades; sopra o vento de toda a parte e sacode com furia a neve, rangem e vergam as casas, e o furacão varre a agua do mar para cima da terra, como moleculas de neve. Estas tormentas são perigosissimas para os que andam em descampados, não deixam ver o caminho, apagam as balisas, e chegam a suffocar os viandantes.

No principio de Junho já se percebe bastante a mudança de temperatura; e desde o começo de Julho até fins d'Agosto em geral são tão fortes os calores que obrigam a trazer vestidos de verão. São as noites então magestosas: a claridade da atmosphaera pura e serena, o esplendor da lua, e das estrellas, sobretudo das que se distinguem para o horizonte, e que brilham como faroes remotos, fazem um quadro difficil de pintar. O mez de Setembro é mais temperado; pelo meado de Outubro o tempo vae sendo cada vez mais fresco e variavel: em Dezembro as neves, os caramelos, os ventos frios e penetrantes annunciam a chegada do inverno.

A cidade de S. João, com um porto dos melhores da ilha, bem defendido pela sua posição natural e por boas fortificações, é a séde do governo, e do tribunal supremo do almirantado de Terra-nova. E' praça importante em tempo de guerra, e ahí para maior segurança está depositada a maxima parte das riquezas da ilha. A sua população anda por 12:000 almas, e a de toda a ilha por 60:000. Depois de S. João, a maior cidade é Plaisance, situada na bahia deste nome ao sul da ilha, com um porto tão vasto, que pode conter em perfeita segurança 150 navios.

Os mares de todas estas paragens são talvez os mais piscosos do mundo; abundam não só em peixes de toda a casta, e principalmente em bacalhau, mas tambem em copia de cetaceos, e amphibios, cuja pescaria é utilissima.

Como não temos noticia do modo porque os nossos maiores se houveram na preparação do bacalhau de suas pescarias, e só podemos alcançar o processo de que usam os francezes, aqui o transcreveremos extrahido d'uma relação de viagens á America em 1828, por Eugenio Ney.

“O lugar onde se prepara o bacalhau é chamado *échafaud*, tablado. É uma plataforma cuberta ou um grande telheiro levantado sobre a praia, e correndo para o mar por um lado, o qual é fortemente escorado e defendido com grossas vigas, que o preservam do choque das abalroadelas das embarcações. Sobese para elle da banda do mar por uma rampa de vigas á maneira de degraus. Na frente do tablado está posta uma meza; d'um lado fica o *decolleur*, o *degolador*, homem que toma o peixe, da-lhe um golpe no pescogo até a nuca com uma cutella, e o empurra para *l'éttéur*, que lhe fica á direita, e que o recebe com a mão esquerda, arrancando com a outra o figado, que deita para uma barrica debaixo da meza, e as tripas que deixa cair no mar por um buraco feito no soalho: poem depois o pescogo do peixe na borda da meza, que é afiada e tem diante de si, carregalhe com a mão esquerda, e dando uma rija pancada com a direita no corpo do peixe, o empurra para o *trancheur*, cortador, que lhe fica fronteiro, e a cabeça separada do corpo cae no mar. O *cortador* agarra o peixe com a esquerda, e começando desde a nuca, tendo o cuidado de voltar a faca para dentro para seguir sempre a espinha grande, corta até a extremidade do rabo; levantando então a espinha com a faca empurra o peixe assim aberto para um carri-

nho de mão, e a parte da espinha cortada cae no mar por um buraco feito no soalho. Quando aquella carreta está cheia é levada logo ao *salcur*, salgador, e substituída por outra. Todos estes preparos se fazem com muita presteza, ainda que com todo o cuidado, porque o valor do peixe depende de que a nenhum delles se falte. Algumas vezes se conservam as linguas, neste caso, põe-se de parte o numero de cabeças que se precisam; e para não retardar o trabalho da meza, outras pessoas as apanham.

“O salgador está na outra ponta do tablado: logo que lhe chega a carreta, toma os peixes um por um, e encamando-os, deita-lhes por cima uma certa quantidade de sal, tendo a precaução de a proporcionar ao tamanho e ás differentes grossuras de cada bacalhau. Do salgador depende todo o bom resultado da pescaria. Se o peixe não tem sal sufficiente, não se conserva; se tem de mais, a parte onde houver excesso faz-se negra e humida: se fica exposto ao sol, requeima-se; se lhe dão voltas faz-se humido, e é sujeito a partir-se; ao passo que sendo salgado e seco como deve ser, fica branco, rijo e compacto. A quantidade do sal depende tambem muito da sua qualidade. A’ roda dos tabladros o chão está cuberto de cabeças de bacalhau com que se banqueteam os cães, que neste paiz não querem comer senão peixe.

Os figados são mettidos em grandes vasilhas, bastante abertas para facilitar pela putrefacção o escoamento do azeite, que é recolhido com grande cuidado.

O peixe deve ficar cinco ou seis dias em pilha, até que esteja sufficientemente tomado do sal; passado este tempo, deve lavar-se o mais promptamente possível. Mette-se em tinhas cheias d’agua, ou n’uma especie de gaiolas abertas mergulhadas no mar. Tira-se a um e um, esfrega-se pela barriga e costado com um panno de laã, e põe-se a escorrer sobre o tabla-

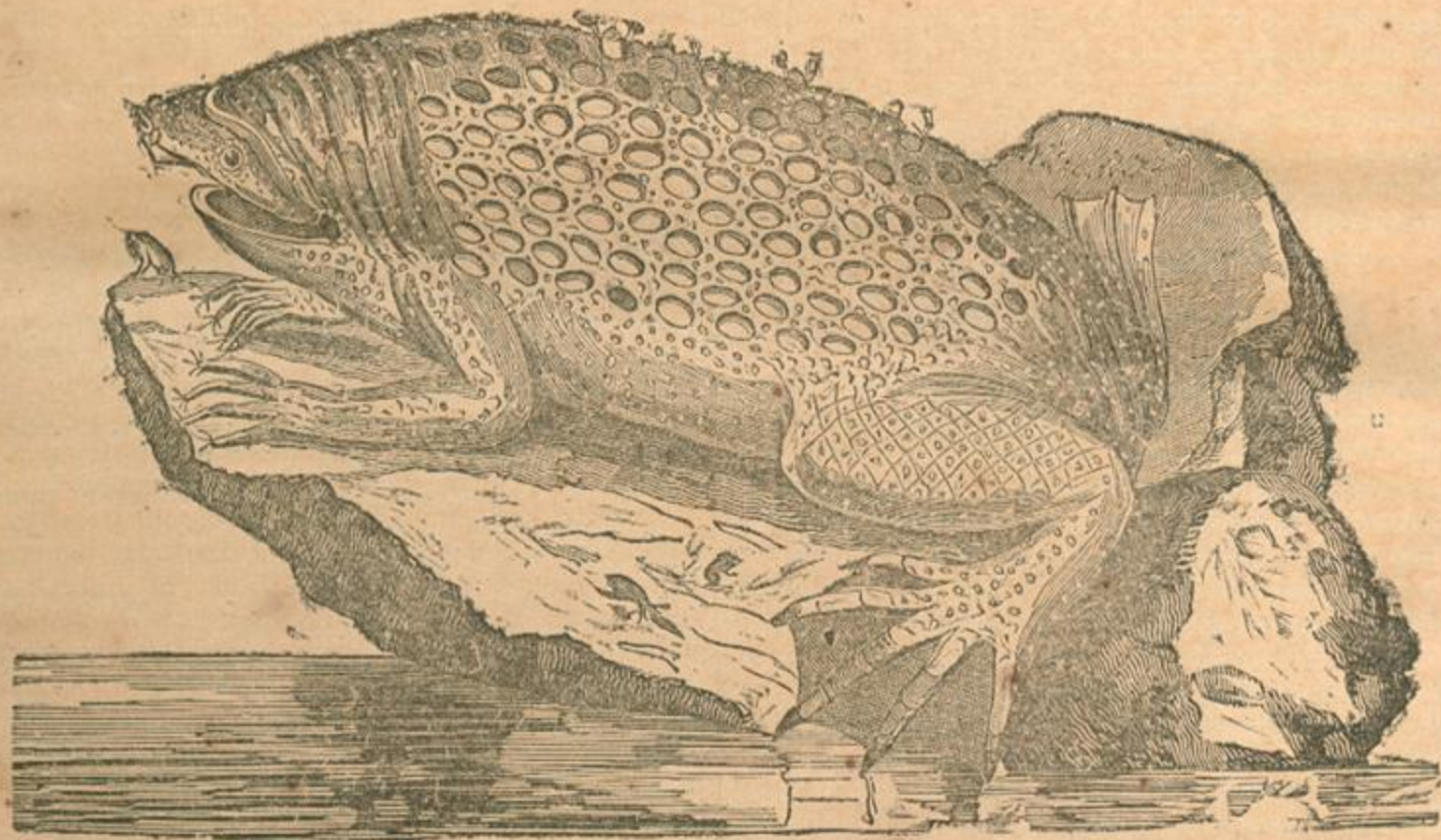
do. O peixe póde ficar assim dois dias, porque em mais perderia no peso, e não lhe adherindo já o sal, não supportaria tão bem as variações do tempo.

“No dia seguinte expõe-se o peixe ao ar para o fazer seccar, exposto ao sol pelo lado aberto; á tarde põe-se a dois ou tres uns sobre outros, cabeças com rabos, e costado para o ar, para que pela banda por onde é escalado não apanhe humidade. Estende-se novamente no outro dia pela manhã, e á tarde empilham-se já aos cinco e aos seis, augmentando sempre o numero até que ao quarto dia fiquem aos dezoito ou aos vinte em cada rima, sempre de costas para o ar, e um tanto inclinados para escoar a agua, se acaso chover de noite.

“Ao quinto dia, o peixe está salvo, e fica no mesmo estado por oito dias, ou quinze se o tempo correu ruim. Então se fazem grandes pilhas, semelhantes a medas de feno, de costados para cima, cuberto tudo com esteirões seguros com grandes pedras, para abrigar dos copiosos orvalhos que caem em as noites de verão. Antes de armazenar os peixes, ou de os embarcar logo para a exportação, devem ser estendidos a enxugar mais uma vez.

“Como uma gota d’agua póde não só estragar um peixe, mas até communicar a infecção a toda a pilha, e a toda a carregação, examina-se cuidadosamente o estado da atmospherá, durante a secca, e á menor apparencia de chuva, vira-se o peixe immediatamente de costas para cima. Além disto ha muitas precauções que tomar, e que fazem esta pescaria e sua preparação difficil e trabalhosa: porém os prosperos resultados que della se colhem estimulam a industria e a actividade.”

O nome de bacalhau, dado a este peixe voraz, e fecundissimo, dizem que provém do idioma dos indigenas de Terra-nova.



O PIPA, OU SAPO DE SURINAM.

(*Rana pipa*. LINN. *Cururú* na *America meridional*.)

O SAPO é um animal nojento, a quem a opinião geral tem em todos os tempos infamado. Todavia um ente tão informe e ignobil está mais espalhado pelo globo do que outros individuos formosos, que são as

obras primas da criação. Parece que tanto no physico como no moral, o peor é sempre mais facil de produzir. As rans, suas congengeres, tem uma certa graça e agilidade; são esbeltas e vivas; os sapos

em tudo são tediosos e repugnantes. Nem são arbitrarias convenções que os fazem passar pelos entes mais desfavorecidos da natureza; ao contrario parecem viciados em toda a sua fórma. Se tem pés, não os levantam estes acima do lodo, em que habitam: seus olhos parecem esquivarem-se á luz. Mantendo-se deervas apodrecidas, ou venenosas, escondidos nos tremedades, entaipados debaixo de morouços de pedras, asylados em tocas de rochedos, immundos na sua habitação, repugnantes pelos seus habitos, disformes no corpo, obscuros pelas côres, infeccionando com o halito e com o liquido fetido que espargem apenas os perseguem, estes animaes conquistaram uma antipathia universal.

Não obstante esta prevenção, bem fundada pela hediondez do sujeito, mas injusta quanto ás suas qualidades maleficas, os naturalistas teem examinado factos na historia desta casta aborrecida muito dignos d'attenção. Quando outra particularidade os não distinguisse, bastaria a tenacidade de vida de que os sapos gozam, para os fazer notaveis. Espetados pelo meio do corpo, expostos aos ardores do sol, duram vivos por essas hortas muitos dias; e as experiencias de Mr. Herissant e de outros provaram evidentemente que os sapos entaipados em cavidades de muros, e em caixotes bem vedados ao ar, podem viver longo tempo.

Porém de todas as especies destes animaes, a mais notavel é sem contradicção o pipa, ou cururú; mora no territorio da colonia hollandeza de Surinam, e a sua grande singularidade consiste no modo porque se desinvolvem os gyrinos, ou fetos. Logo que a femea põe, o macho em vez de dispersar, ou abandonar os ovos fecundados, os ajuncta e colloca sobre o costado da femea, ao qual ficam adherentes. A pelle inchando faz umas cellulasinhas, onde os ovos engrossam, e a prole, passada a sua metamorphose, sae á luz. Logo que os filhos deixam as costas da mãe, esta, roçando o corpo pelas pedras, apaga os vestigios das cellulas, despojando-se em parte da pelle, que se lhe renova. Este facto suscitou vivamente a attenção dos naturalistas; e foi uma senhora M.^{elle} de Merian que em uma dissertação escripta em latim, e impressa em Amsterdam em 1719, exarou as primeiras observações ácerca deste modo singular de reproducção.

ANNA BOLEYN, OU BOLENA.

É EXPRESSÃO vulgarissima quando se quer designar uma mulher corrompida, enredadeira, e, emfim, com qualquer qualidade má, o dizer-se que é uma Anna Bolena: todavia esta expressão funda-se em um erro historico: suppõe-se que a rainha Anna Bolena foi uma mulher perversa, o que é uma calumnia, salvo se quizermos dar por motivo deste injusto preconceito o ter essa desgraçada sido sectaria da reforma protestante, que então começava em Inglaterra. Mas quem ousará neste seculo taxar de perversidade qualquer individuo por seguir esta ou aquella opinião religiosa, uma vez que siga alguma?

Anna Bolena, 2.^a mulher de Henrique 8.^o d'Inglaterra, nasceu em 1507. Seu pae chamava-se Thomaz Boleyn ou Bulloigne, e foi conde de Wiltshire e Ormond. Muito moça foi para França com uma princesa ingleza, donde, passados tempos, voltou para a sua patria, e foi dama da rainha Catharina mulher de Henrique 8.^o; então o rei se namorou della. Dizem que fizera todas as diligencias para que ella fosse sua amante, mas achando que resistia aos seus intentos, resolveu-se a cazar com ella. Antes disto, parece que nenhuns escrupulos tinha tido ácerca

da realidade do seu casamento com a rainha Catharina; mas nesta occasião, serviu-se desse pretexto para se divorciar della, depois do que cazou com Anna Bolena.

Mas o amor de Henrique era apenas uma paixão grosseira, que se extinguiu com a posse de Anna Bolena. O nascimento de uma filha [que foi a grande rainha Isabel] em vez de um filho, que Henrique desejava ter, lhe augmentou o desamor para com sua mulher; e a inclinação a outra, que elle suppoz amar, accrescentou o aborrecimento que lhe tinha. Por outra parte Anna Bolena seguia crença protestante, e Henrique que não gostava da reforma, assim como aborrecia o catholicismo, ainda por este motivo lhe ganhou mais odio.

Na falta de motivos bem fundados para se desappressar de Anna Bolena, o rei a accusou de incestuosa com o proprio irmão. Esta accusação, destituida de toda a prova, serviu de fundamento ao processo: tão corrompidos e vis [são expressões de um escriptor inglez] eram naquelle tempo os fidalgos inglezes, que sendo o processo julgado na camara dos lords, estes, para agradarem ao rei, condemnaram á morte a desgraçada rainha, contando-se entre os juizes seu proprio pae. Ella ouviu a sentença com summa tranquillidade; mas protestando até o fim da vida, que morria innocente. Conta-se que pouco antes de ser conduzida ao supplicio, dissera, rindo, ao governador da torre de Londres, onde estava presa, e onde foi justigada: "A execução ha-de ser facil; porque dizem que o algoz é mui habil, e eu tenho o pescoco delgado."

No dia seguinte ao da sua morte Henrique 8.^o cazou com Joanna Seymour, para possuir a qual fizera condemnar á morte Anna Bolena; tendo pouco antes por amor della, repudiado sua primeira mulher.

TRES MEZES EM CALECUT.

(1.^a Chronica dos Estados da India).

II

A LEITURA.

"COM vento em pôpa navegavamos nós havia vinte e tres dias, desde que nos partiramos daquelle excellente mouro [1], que [sem receio posso dize-lo] nos abriu as portas do oriente. Era um sabbado á tarde: a bordo do S. Gabriel tudo estava quedo e silencioso, e no chapiteu de pôpa conversavam em voz baixa, encostados a uma meia espera [2] de bronze, Vasco da Gama e Pero d'Alemquer: a marinhagem repousava de suas fáinas; e o mestre passeava no convez pela banda de babordo. Com olhos longos vigiavamos alguns á prôa; que já nos tardava enxergar terra, e pôr termo a nossa espantosa viagem."

"Canacá, o piloto christão da India, que nos dera o rei de Melinde, encostado ao leme da náu, parecia inquieto: ora erguia os olhos ao ceu; ora os fitava em nós; emfim disse a Fernão Martins em sua algaravia, que nos perguntasse se viamos alguma cousa no horisonte..."

"Alto lá, senhor Alvaro Velho! atalhou Fernão Martins. Não foi em sua linguagem que elle m'o perguntou, dom ledor; mas em pura aravía; e importa saibais que a aravía se distingue da lingua da India como o portuguez da falla dos inglezes..."

(1) O rei de Melinde.

(2) A espera julgamos que era uma especie de artilharia grossa, por estas palavras de Fr. João dos Santos: *Por serem peças mui grandes; que eram esperas e meias esperas, e uma peça que levava pelouro de trinta arratens.* — *Eth. Orient.*, P. 1.^a L. 5.^a Cap. 9.^o

O bom do trugimão ía aqui fazer uma dissertação ácerca das diversas linguas, tal que se elle a continuasse, e alguém a podesse escrever, teriamos uma obra, que deixaria no escuro o *Mundo Primitivo* de Court de Gebelin; mas um *longo ciô!* saído ao mesmo tempo da boca de todos os ouvintes, lhe deu um ponto na boca; bem como uma risada geral da plateia faz emmudecer no tablado o actor que dsipara aos espectadores uma asneira inesperada, ou sua, ou do *abrilhantador da scena*, a quem o vulgo na sua lingua grosseira, mas castiça, chama *auctor da comedia*.

Alvaro Velho continuou a sua leitura: "A esta pergunta de Canacá todos nós alongámos os olhos pelo horisonte, e no termo d'elle, por nossa prôa, nos pareceu divisar uma nevoazinha, que gradualmente crescia, engrossava, e ennegrecia: era essa nevoa incerta a nossa esperança; mas esta se desvanecia, quando nos lembravamos que havia tres dias que, de hora a hora, de instante a instante, illusões semelhantes vinham affigurar-nos proximas essas praias, onde íam bater todos os nossos desejos, constancia, e trabalhos; essas praias da India, cujo nome era para nós como um primeiro amor, como um sonho formoso de madrugada, como um effluvio do paraíso; rico de futuras grandezas, para nós e para o velho Portugal: ainda no dia antecedente tinhamos visto uma sombra semelhante no horisonte; mas ella não deixára de o ser; e ao pôr do sol se havia resolvido em nada. Descorçoados, pois, e com os olhos pregados no extremo dos mares azues, não respondiamos nada á pergunta do piloto indio."

"— Terra! — bradou o gageiro immovel no cesto da gavia."

"A nuvemzinha crescera lá no extremo horisonte. Prolongava-se para os lados como uma barreira que nos cercava por aquella banda: a náu surdia sempre ávante; e por fim quaesquer olhos inexperientes poderiam conhecer a proximidade d'um continente extensissimo. Um aguaceiro pesado no-lo veio encubrir quando d'elle estavamos distantes obra de oito leguas. O sol vermelho, e já sem brilho, parecia dançar sobre as agnas, lá no fundo do occidente, e a escuridão, que do oriente nos vinha, se tornava cada vez mais densa, com as nuvens acastelladas, que derramavam torrentes de chuva sobre a nossa pequena armada."

"Era necessario virar de bordo: fôra perigoso entestar com a terra, onde, no meio das trevas, os navios se podiam fazer pedaços: a um signal do mestre da nossa náu os marinheiros correram a seus misteres: a náu endireitou para susueste; e dentro de pouco tudo entrou no silencio."

"Que noite aquella! quão longa nos pareceu! Semelhantes ao arabe, de que fallam as trovas mouriscas, que, abrazado de sêde no meio de seus patrios arcaes, crê ver em distancia um lago abundante, que apenas é um reflexo mentido do sol, assim nós, no sonhar de noite profunda, affiguravamos na nossa imaginação estar já pousados na terra que víamos ao longe, e transportavamos para esses paizes desconhecidos o nosso Portugal: eram os seus montes, os seus valles, as suas plantas e fructos, as suas cidades e aldêas, que lá plantavamos: era o trajo, o gesto, a linguagem de portuguezes, que lá víamos e ouviamos: e despertavamos depois; e achavamo-nos pelos recantos da amurada, com a cabeça encostada a uma bombardada fria e negra, ou a um cabo de amarra, quasi como ella duro e frio, sentindo o balouçar da náu, e o soído das agnas roçando rapidas pelo costado della, e o fragor dos marulhos saltando pelos escouvens da prôa. Tornavamos a adormecer, e logo a despertar; e assim coavamos esta noite que parecia não ter fim. Ao toque de alvorada ninguem estava

deitado: subimos ao convez, e um espectáculo, qual nunca peregrino viu, nem sequer febricitante sonhou em seus desvarios, estava diante de nós!"

"Corriamos com vento fresco ao longo da côsta: montanhas altissimas, que a vão acompanhando, sobranceiras a ella, de norte a sul, e que depois soubemos se chamavam as serras de Gate, campeavam ao longe cubertas de nuvens, reflectindo a claridade da manhaã com uma côr azulada: por entre arvoredos alvejavam as povoações maritimas, e reflexos metallicos que vinham ferir nossos olhos nos certificavam de que ahí havia coruchêus e tectos cozidos em ouro. O Oriente nos apparecia, emfim, semelhante á imagem que já em Portugal se nos representava desse paiz de maravilhas."

"Canacá nos apontou para terra e bradou — Calecut! — Calecut! — Estavamos a curta distancia da praia, e viamos quebrar nella os grossos rollos das vagas. Tres povoações jaziam lançadas naquella côsta: Calecut, Capocate e Pandarane: o piloto tomára a segunda pela primeira, e só soubemos que se enganára, quando já tinhamos lançado ferro. Viamos ao norte Calecut, Pandarane nos ficava ao sul; diante de nós estava a povoação de Capocate."

Quatro barcas desafferraram de terra, e vieram abordar ás náus. Os homens que as guarneciam nos encheram de espanto; que em toda a nossa derrota nenhuns semelhantes encontráramos: alguma pareença tinham com Canacá; mas este, segundo o que nos dissera, nascera muito ao norte da India, e o seu gesto se differenciava muito da gente que ora viamos: a côr destes era baça: nós da cincta para cima, o sol lhes havia crestado o corpo, e lh'o tornára ainda mais baço: longos bigodes pendiam pelas faces abaixo de alguns: estes traziam a cabeça rapada, ou tosquiada, descendo-lhes do alto della uma longa e delgada trança: um ou dois vimos de cabellos e barbas crescidas, mas a causa desta differença não a podêmos entender."

"Estavamos como pasmados. Alguns destes homens subiram ao convez do S. Gabriel, e Canacá lhes fallou: eram pescadores, gente pobre, ou *mesquinho*, como em sua linguagem lhes chamam"

"— E de que vós em vossas disputas tão a miudo vos servis para chamardes uns aos outros vis e refeces: — atalhou Fernão Martins, que não tinha animo para perder vez de fazer observações philologicas. "Grande depravação espero eu traga a nossos bons costumes este descubrimento da India; porém não é esse o maior mal: o grande, o grandissimo, o que me faz tremer é que o tracto com estas nações barbaras venha a corromper a formosa linguagem portugueza." —

Os circumstantes, que nada entendiam de primores de lingua, sorriram-se das reflexões de Fernão Martins; e até se ouviram em voz baixa estas palavras, que pareciam pronunciadas por entre dentes, cerrados pela colera: — "Mesquinho lingua, quando irás tu para o inferno!"

O interprete ía responder ao mal ensinado que assim o tractava; mas um segundo *ciô!* geral o fez callar, e Alvaro Velho continuou:

"Por estes homens é que soubemos qual daquellas povoações era Calecut: compramo-lhes algum pescado, e por fim foram-se embora: nós então aproveitando a brisa fresca da tarde, fomos lançar ferro na enseada da cidade."

"A manhaã do domingo surgiu bella e pura: os ares estavam limpos: o sol derramava torrentes de luz sobre Calecut: viamos as ruas, os terreiros, os templos, os palacios. As habitações communs eram de madeira pintada, os tectos eram de folhas de pal-

meira; mas no meio disto havia edificios de pedra, dos quaes uns pareciam paços reaes; outros sumptuosas egrejas: para um e outro lado da povoação, e no topo, para a banda da serra, viam-se campos cultivados, bosques de palmeiras, e de arvores robustas, cuja especie era desconhecida na Europa. Embebidos estavamos na contemplação deste novo mundo, que, semelhante a um immenso e riquissimo panno de raz, se desenrolava diante de nossos olhos, quando algumas barcas parecidas com as da vespera, e a que nesta terra chamam almadias [aqui Alvaro Velho lançou rapidamente os olhos para Fernão Martins, e sorriu-se] partiram de terra a demandar as náus. Tanto que chegaram, os que as guiavam subiram acima, e de tudo o que viam só nossos trajos e armas os enchiam de assombro: bem tractados por nós, elles se mostraram comedidos e cortezes, e quando partiram o capitão-mór mandou com elles um dos degradados que levavamos, para servirem nestas arriscadas mensagens: eis o que lhe succedeu, conforme de sua boca o ouvi.”

“Apenas chegado a terra conduziram-no a casa de dois homens que lhe pareceram mercadores. Logo pelo seu aspecto conheceu que elles eram estrangeiros naquella paiz: um dos mercadores olhou para elle, e exclamou em máu hespanhol: — *Os diabos te levem! Quem te trouxe aqui?* — Contou-lhes então o portuguez o processo da nossa viagem, e que vinhamos em busca de christãos e das especiarias do oriente. “E porque não manda cá, interromperam os mercadores, elrei de Castella, elrei de França, ou a senhoria de Veneza?” — “Porque elrei meu senhor não o consentira:” — foi a resposta portugueza do degradado. Então os mercadores lhe disseram que eram mouros de Tunes, que tinham vindo á India por causa de seus commercios, e que haviam feito assento em Calecut. Nesta distancia immensa das suas respectivas patrias os mouros de Berberia e o christão de Portugal se consideravam quasi como conterraneos. Depois de lhe darem de comer, o degradado voltou aos navios, e com elle um dos mouros, que se chamava Bomtaíbo”

“Quantas vezes quereis que vos diga que o seu verdadeiro nome é Monçaíde? — interrompeu Fernão Martins: sois capazes de estragar, em menos de um credo, um vocabulario inteiro.”

“Bomtaíbo, ou Monçaíde, como quizerdes; — respondeu Alvaro Velho — que isso pouco faz ao discurso da minha historia: elle ahí vem conosco, e tanto acode por esse nome que vós, o capitão-mór, Pedro de Alemquer e o gageiro de prôa lhe dais, pois sois discretos, como por est’outro, que geralmente lhe damos nós outros rudes marinheiros.”

Esta ironia de Alvaro Velho, em quem todos reconheciam sciencia e instrucção não vulgar, apesar de sua humilde condição, fez callar o loquacissimo interprete; e elle proseguiu:

“Apenas o mouro saltou no convez, todos nós o rodeámos: — Boa ventura, boa ventura! — nos disse elle em portuguez travado de castelhano: — Muitos rubins, muitas esmeraldas! — Graças deveis dar a Deus por vos trazer a terra onde ha tanta riqueza. — Ouviamo-lo fallar, e não podiamos crer em nossos ouvidos. Parecia-nos um sonho, que a tantos centenas de leguas de Portugal existisse quem fallasse nossa lingua; quem nos podesse entender. Irmão nosso era d’alli ávante um tal homem, embora na sua frente não houvesse o signal do christianismo, e os seus labios só soubessem pronunciar as blasphemias do Alcorão.”

“Por Bomtaíbo soubemos que elrei de Calecut estava affastado da sua capital. Mandou o capitão-mór

dois mensageiros [dos quaes um foi Fernão Martins] que lhe fossem annunciar a vinda daquella armada; e como elle Vasco da Gama era embaixador d’elrei de Portugal, cujas cartas lhe apresentaria. Recebida pelo rei de Calecut esta mensagem, mandou dizer a Vasco da Gama, que elle voltaria logo á cidade para o receber, e fazendo mercê de muitas dadivas aos dois mensageiros, enviou com elles um piloto, que conduzisse a armada para a enseada de Pandarane, onde achariam melhor fundo do que na de Calecut, sumamente aparcerada e perigosa.”

Pretendia o piloto que entrassemos no porto; mas o capitão prudentemente mandou que surgissemos fóra. Tinhamos apenas lançado ferro, quando chegou aviso de elrei para que desembarcasse o embaixador de Portugal, a quem elle em Calecut esperava. Mas o dia já se inclinava a seu termo, e por isso Vasco da Gama assentou em desembarcar no dia seguinte, até porque podia aproveitar o intervallo da noite para fazer conselho com os capitães da armada sobre o modo porque se devia haver em tão delicada conjunctura.

(Continuar-se-ha).


QUEIJOS DE BATATAS.

Na Thuringia e em parte da Saxonia fabricam queijos de batatas, que são de grande estimação, pela maneira seguinte.

Escolhidas as batatas de boa qualidade, e com preferencia as grandes e amarelladas, cozem-nas n’um caldeirão. Depois de frias as pellam e reduzem a massa, quer n’um gral quer n’um alguidar. A cada cinco libras desta massa, que deve estar muito bem misturada e homogenea, junctam uma libra de leite coalhado, e a dóse de sal necessaria; amassam tudo, cobrem a mistura, e a deixam em repouso tres ou quatro dias, conforme a estação. No fim deste tempo tornam a amassar, e põem os queijos dentro de cabazinhos para que escorra a humidade superflua; depois seccam-nos á sombra e mettem-nos ás camadas dentro de grandes talhas ou barricas, onde os deixam ficar quinze dias. Estes queijos quanto mais velhos são melhor provam. Ha-os de tres especies: da primeira, que é a mais ordinaria, já demos a receita; a segunda compõe-se de quatro partes de batatas e duas partes de leite coalhado; e a terceira de duas libras de batatas e quatro libras de leite de vacca ou de ovelha. O leite de cabra seria tão bom para o effeito como estes.

Os queijos de batatas levam as seguintes vantagens aos queijos ordinarios: 1.^a não lhes dá o bicho; 2.^a conservam-se frescaes por espaço de muitos annos, com tanto que os guardem em logar secco e em vasilhas bem tapadas.

A INVEJA, a colera, a vingança, o odio devoram a alma que em si as aninha; e esta alma atormentada está continuamente como nos transes d’um parto doloroso, para dar á luz o assassinio. — *Lamennais.*

 *A Direcção roga a todos os S.^{rs} que houverem de lhe dirigir qualquer correspondencia, que o façam em nome da “Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.”*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.